

A EDUCAÇÃO FÍSICA E AS AULAS NÃO-PRESENCIAIS – UMA SEGUNDA CRISE?

PHYSICAL EDUCATION AND NON-CLASSROOM CLASSES - A SECOND CRISIS?

Carla Chagas Ramalho ¹

Resumo: Este estudo traz consigo as inquietações educacionais de um momento de pandemia. Possui como objetivo central trazer uma reflexão sobre a Educação Física não-presencial, como também sobre novas possibilidades para ela. Como metodologia, utilizamos análises de documentos pertinentes para este período educacional. Assim, através de alguns apontamentos, compreendemos que a Educação Física remota traz um formato conteudista, com o propósito da manutenção de doutrinação corporal. Por este motivo, apontamos para a possibilidade de uma emergente crise da Educação, a segunda, para que um novo formato pedagógico seja dado para si mesma, com o intuito de fomentar a liberdade e autonomia dos corpos e das pessoas. Concluímos que este momento é crucial para os(as) professores(as) de Educação Física se apropriarem da ferramenta educacional que lhes cabe para a Educação Física se manter no novo cenário educacional que se aponta.

Palavras-chave: Educação Física. Educação. Crise.

Abstract: This study brings with it the educational concerns of a pandemic moment. Its main objective is to bring a reflection on non-presence physical education, as well as on new possibilities for it. As a methodology, we used analysis of relevant documents for this educational period. Thus, through some notes, we understand that the remote Physical Education brings a content format, with the purpose of maintaining body indoctrination. For this reason, we point to the possibility of an emerging crisis of Education, the second, so that a new pedagogical format is given to itself, in order to promote the freedom and autonomy of bodies and people. We conclude that this moment is crucial for the teachers(s) of Physical Education to appropriate the educational tool that belongs to them for the Physical Education to remain in the new educational scenario that is pointed out.

Keywords: Physical Education. Education. Crisis.

Introdução

O mundo parou. Um vírus parou a Terra. A economia, a saúde, a educação e outros campos estão tendo que se adaptar à nova realidade mundial. E não há tempo para preparo, há escolhas a serem tomadas e consequências a serem arcadas. Setores estão tendo que se adequar no decorrer de uma crise sem precedentes na atualidade, que engloba multicampos, de modo simultâneo.

O vírus em questão é o coronavírus, responsável por uma mudança de hábitos sociais, o que engloba modificações culturais, em ampla escala e de abrangência mundial. Até o momento, é declarado que a forma de contágio da doença trazida pelo vírus (Covid-19) é através do contato e da proximidade de pessoas (BRASIL, 2020a). Proximidade em transportes públicos, abraços entre amigas(os), manifestação de carinho entre familiares e casais, toda expressão que engloba o contato físico entre pessoas vem sendo vista com receio por conta das possibilidades de contágio.

Por este motivo, escolas foram fechadas, alguns trabalhos foram transformados em *home office*, atividades culturais foram adiadas ou canceladas, buscando a redução de aglomerações e, como consequência, o número de pessoas infectadas. Assim, a quarentena foi instaurada em vários locais, atingindo metade da população do planeta¹ e, com isso, novos formatos de atuações têm sido experimentados e adotados.

No ambiente escolar, a modificação foi abrupta. Nenhuma escola ou instituição de ensino pôde abrir suas portas para aulas presenciais, as atividades remotas foram incentivadas e indicadas para todos os espaços a partir do dia 17 de março, através da Portaria 343 do Ministério da Educação (BRASIL, 2020b). Logo, a prática pedagógica precisou ser repensada, analisada para manter sua base, principalmente para quem acredita numa educação dialógica entre todos(as) da comunidade escolar.

Dentro deste novo cenário mundial, nos voltaremos para a preocupação com os conteúdos e possibilidades da aplicabilidade da Educação Física dentro das escolas, de forma não-presencial. Pois, a Educação Física engloba exercícios e o conhecimentos do corpo, habitualmente, de forma prática, e ainda possui contato e suor como resultantes de sua ação. Sendo muito mais conhecida como um componente curricular que exige a aplicabilidade da ação, a Educação Física acaba por se destacar no saber fazer, muitas vezes se dando de forma acrítica, enfatizando o gesto motor esportivo e na seleção dos(as) mais habilidosos(as) (DARIDO, 2003). E, no atual momento, com as escolas fechadas, a forma de atuação desses professores e professoras deve se moldar a uma realidade virtual ou domiciliar. Mas como? Sem contato? Sem interação de grupos e times? Como a Educação Física se justificará, nos setores que atua, sendo tolhida de o saber fazer?

Neste artigo, falaremos do contexto educacional que nos encontramos e como este novo formato de trabalho educacional traz uma possível crise para a Educação Física, que necessita urgentemente reconhecer sua função dentro deste espaço. Temos, assim, como objetivo central, trazer uma reflexão sobre a Educação Física não-presencial, como também sobre novas possibilidades para a Educação Física. Para debater e buscar embasar tais elucubrações, será utilizada a pesquisa documental, sendo esta definida como a análise de diversos documentos como livros, fotos, registros, papéis oficiais (GIL, 2008), para sabermos o que vem sendo gerado neste período, com recomendações para a área educacional e da Educação Física, servindo para trazer novas conjecturas para um assunto ainda tão em voga e ainda pouco analisado. Assim, justificamos este trabalho como importante para o atual cenário, para salientar novas possibilidades, especificamente, para a Educação Física, trazendo uma lupa para nossas ações e/ou falta delas.

O vírus e a educação

O coronavírus é um vírus que foi identificado no final do ano de 2019. Através dele, há a progressão para a doença intitulada de Covid-19². Esta doença tem por alarmante atacar o

1 Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52478020>

2 Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>

sistema respiratório de pessoas, independentemente da idade ou sexo, muitas vezes necessitando de um tempo para o tratamento da mesma, o que faz haver um colapso no sistema de saúde das localidades em que há a forma mais alastrada da pandemia, pois muitos acabam por precisar de leitos de Unidades de Terapia Intensiva (UTI) e necessitam de suporte respiratório, trazendo uma sobrecarga para o sistema de saúde, mesmo com algumas medidas de contenção social sendo tomadas (CANABARRO *et al*, 2020). Seu contágio é feito através de contato físico entre pessoas e ainda não há remédios nem vacina para essa mazela, por este motivo, uma nova realidade se instaura no momento de controle da pandemia, como também na pós-pandemia, antes de vacinas ou remédios eficientes serem comprovados cientificamente.

Desde então, nos encontramos num formato diferenciado de relações sociais, onde o propósito é reduzir o contato físico entre as pessoas. Logo, a relação com a família se modificou, como as saudações, a forma de trabalhar também foi modificada em muitos locais e, como não poderia ser diferente, a educação presencial também está tendo que se adequar ao fechamento das instituições escolares. Cada localidade define como e a melhor forma de trabalhar durante o período do fechamento das unidades escolares e Instituições de Ensino Superior (IES), como podemos ver:

6. no exercício de autonomia e responsabilidade dos sistemas federal, estaduais, municipais e do Distrito Federal, respeitando-se os parâmetros e os limites legais, os estabelecimentos de educação, em todos os níveis, podem considerar a aplicação do previsto no Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969, de modo a possibilitar, de acordo com a disponibilidade e normas estabelecidas pelos sistemas de educação, aos estudantes, que direta ou indiretamente corram riscos de contaminação, serem atendidos em seus domicílios. (AMAPÁ, 2020)

Art. 1º. As instituições vinculadas ao Sistema de Ensino do Estado do Rio de Janeiro, públicas ou privadas da Educação Básica e públicas de Educação Superior poderão reorganizar suas atividades escolares, a partir de seus projetos pedagógicos, a serem realizadas pelos estudantes e profissionais da educação em regime especial domiciliar. (RIO DE JANEIRO, 2020)

Art. 1º – As instituições vinculadas ao Sistema de Ensino do Estado de São Paulo, públicas ou privadas da Educação Básica e públicas de Educação Superior, tendo em vista a importância da gestão do ensino e da aprendizagem, dos espaços e dos tempos escolares, bem como a compreensão de que as atividades escolares não se resumem ao espaço de uma sala de aula, deverão reorganizar seus calendários escolares nesta situação emergencial, podendo propor, para além de reposição de aulas de forma presencial, formas de realização de atividades escolares não-presenciais. (SÃO PAULO, 2020)

Art 2º – Estabelecer o regime especial de aulas não-presenciais no âmbito de todo o Sistema de Ensino do

Estado do Amazonas, definido essencialmente pela manutenção das atividades pedagógicas sem a presença de alunos e professores nas dependências da escolares, devendo se efetivar por meio de regime de colaboração entre os entes federados e autoridades do Sistema de Ensino do Estado do Amazonas. (AMAZONAS, 2020)

Essas normatizações nos fazem refletir sobre a escola brasileira. Esta escola que possui poucas alterações em sua essência, mesmo havendo mudanças metodológicas, curriculares ou avaliativas, de uma forma geral, as escolas mantiveram as suas tradições “[...] com algumas (poucas) modificações ao longo da trajetória histórica da humanidade, demonstrando algumas mudanças de posturas e percursos, sobretudo ao longo do século XX, mais precisamente na sua segunda metade.” (OLIVEIRA, 2020).

Durante a referida pandemia, as instituições escolares estão sendo obrigadas a se reinventarem não somente na sua modalidade de ensino (não-presencial), mas nos seus sentidos e significados (OLIVEIRA, 2020). A prática pedagógica mudou drasticamente e sem um aviso ou preparo prévio, sendo necessário um aprendizado coletivo, entre toda a comunidade escolar, de como lidar com a atual situação. E, algumas pessoas mais atentas a este processo de modificação do ensino escolar, perceberam que se tornou indispensável (re)definir o pilar das instituições de ensino e qual a sua função social.

Defino o ato de educar como o primordial de uma escola. Assim, preciso alertar sobre qual ótica mencionarei. A educação deve ser vista como um processo complexo onde há a percepção de conhecimentos sociais, culturais e também pragmáticos. A Educação a que me refiro e a qual almejo, não é aquela onde no topo do processo encontra-se a passagem de conteúdos para estudantes, pois reconhecemos que estes trazem consigo histórias, conhecimentos e aprendizagens que enriquecerão todo o processo para todos(as) envolvidos(as) (FREIRE, 2012).

A educação, na sua essência, dirige-se ao pensar autônomo, à prática da liberdade, onde o diálogo torna-se a base, com o propósito de educar-se em conjunto, docentes e discentes, cada um com sua história, contribuição e manifestação que serve para uma Educação libertária (FREIRE, 2012). Não com o propósito de uma educação conteudista, onde se almeja passar práticas ou conteúdos específicos, sem contribuição mútua entre os(as) envolvidos(as).

O conteúdo deve ter seu espaço no processo de ensino aprendizagem, mas de uma forma coesa com sua funcionalidade social que envolve a liberdade dos(as) educandos(as), como nos ensina Saviani (2012, p. 80)

[...] a instrumentalização desenvolver-se-á como decorrência da problematização da prática social, atingindo o momento catártico que concorrerá na especificidade da matemática, da literatura, etc., para alterar qualitativamente a prática de seus alunos como agentes sociais. Insisto neste ponto porque, em geral, há a tendência a desvincular os conteúdos específicos de cada disciplina das finalidades sociais mais amplas. Então, ou se pensa que os conteúdos valem por si mesmos sem necessidade de referi-lo à prática em que se inserem, ou se acredita que os conteúdos específicos não têm importância, colocando-se todo peso na luta política mais ampla. Com isso dissolve-se a especificidade da contribuição pedagógica, anulando-se, em consequência, a sua importância política.

Nos primeiros dias e primeiros momentos da pandemia, alguma parcela da educação optou por manter suas atividades, de forma não-presencial, muitas atividades *on-lines* e conteúdos virtuais foram gerados com o intuito de manter o ritmo de ensino (SCHNEIDER, 2020), priorizando simplesmente a passagem de conteúdos. Mas, a educação vai muito além disso. A educação é um ato que não se dá em via única, ou que se possa vir a se abster da reflexão conjunta, a educação que acredito visa a dialogicidade para ter efetiva função social (FREIRE,

2012).

Mas, com a realidade virtual trazida pela pandemia, devemos refletir como esta educação vem se dando durante este período. Dentro de uma realidade de contextos tão variados e assimétricos como no Brasil, teremos como manter uma possibilidade igualitária para todos(as) os(as) estudantes? Precisamos refletir como o(a) discente que se encontra em comunidades rurais, ou em quilombos, ou ainda em espaços periféricos, conseguirão ter um acesso a uma internet que lhe permita acompanhar aulas e eventos *on-line*. Podem faltar-lhes rede de internet nas proximidades, como podem ter ausência de equipamentos adequados para os momentos virtuais, como também, não podemos esquecer, podem estar em locais insalubres, sem condições de concentração para realizarem tais ações “educacionais”.

Pensando nessas possibilidades que compõem a diversidade do nosso país, não podemos ter uma receita singular para o comportamento de todas as instituições. Precisamos, agora mais que nunca, ficar atentos(as) para as desigualdades sociais não se ampliam neste momento, como também precisamos trazer para o centro do discurso esses corpos e pessoas periféricas (SANTOS, 2020), que estão (há tempos) à margem do processo educacional. Logo, se nossos corpos demarcam nosso espaço neste mundo, devemos olhar devemos enxergar a Educação Física escolar como importante componente curricular neste momento, pois refletir como a escola tem tratado esses corpos, nos dirá como ela tem tratado as pessoas.

Educação física escolar não-presencial

A Educação Física possui centralidade para utilizar o movimento corporal em suas aulas no ambiente escolar e, mesmo tendo diversas formas de compreensão da função deste corpo, ele habitualmente não é negado durante o tempo definido para essa prática pedagógica (o que pode ocorrer facilmente durante outros componentes curriculares). Esta singularidade da Educação Física traz consigo um papel doutrinatório importante, que muitas vezes é negligenciado pelas(os) suas(seus) próprias(os) professoras(es), como nos alerta Freire (2013, p. 114)

Mas, assim como os nazistas o sabiam, o sistema escolar também sabe. O corpo tem que se conformar aos métodos de controle, caso contrário, as ideias não podem ser controladas. [...] Quem tem o controle do corpo tem o controle das ideias e dos sentimentos. Quem fica confinado em salas apertadas, sentado e imóvel sem carteiras, milhares de horas durante boa parte da vida, aprende a ficar sentado nas cadeiras, de onde talvez nunca mais venha a se erguer.

A importância e o papel da Educação Física no ambiente escolar, se embasou no controle e disciplina corporal para resultar no controle social. Podemos partir da compreensão que o corpo individual deve(ria) ser controlado para se ter o controle do corpo social. A Educação Física escolar (sendo intitulada primeiramente como ginástica) surgiu e se fundamentou neste ambiente com o propósito de doutrinar e preparar corpos para as necessidades sociais (DARIDO, 2003).

Esta importância não deve ser menosprezada em nenhum momento, muito menos na atualidade, onde a educação escolarizada está sendo obrigada a se reinventar para trazer novas ferramentas (ensino remoto), novos costumes, hábitos e habilidades para os seus educandos e educandas. Neste artigo, me cabe justamente observar e analisar como algumas secretarias de educação estão lidando com a Educação Física neste formato de ensino, para tentar compreender qual modelo será fomentado para os corpos. Para isto, analisamos alguns cadernos de atividades remotas de algumas instituições que estão disponíveis na Internet, os mesmos foram escolhidos de forma aleatória, sem a pretensão de criar um panorama geral de como a Educação Física está sendo trabalhada em todo o território brasileiro, mas, sim, trazer algumas partes para o debate acadêmico.

O primeiro trecho que trouxe, foi dos cadernos de atividades da prefeitura de Hortolândia, cidade localizada na região metropolitana de Campinas, no Estado de São Paulo. No seu *blog*, o caderno de atividade é definido da seguinte forma:

O Blog Educação proporcionará o aprendizado dos alunos da Rede Municipal de Ensino em tempos de Coronavírus, oferecendo atividades pedagógicas durante a quarentena até que as aulas, presenciais, sejam retomadas. Os conteúdos podem ser acessados, de acordo, com a escola de cada aluno. O objetivo é oportunizar aos alunos da rede municipal de ensino às atividades lúdico-pedagógicas. Com o olhar da Educação em Movimento, você encontrará atividades diversificadas que poderão ser desenvolvidas pelos alunos em casa. Aos pais ou responsáveis, pedimos a colaboração de viabilizar e orientar o acesso dos alunos a este espaço educacional, para conseguirmos realizar essa tarefa de forma construtiva e prazerosa.³

Foi selecionado, eventualmente, o caderno do 2º ano do Ensino Fundamental para ser analisado, e escolhemos o registro a seguir:

Figura 1. Atividade domiciliar semanal (Hortolândia)

<p>Faixa etária ou ano:</p> <p style="text-align: center;">2º ANOS – ENSINO FUNDAMENTAL I – CICLO I</p>
<p>Data:</p> <p style="text-align: center;">04 A 08 DE MAIO DE 2020</p>
<p>Atividade: JOGOS E BRINCADEIRAS: CONSTRUINDO O BRINCAR</p> <ul style="list-style-type: none"> • O JOGO DA VELHA
<p>O que envolve essa atividade:</p> <p>HISTÓRIA: O seu nome Jogo da Velha originou-se na Inglaterra, quando mulheres ao fim de tarde se reuniam para tomar o chá, bordar e brincar. Esta forma de brincar era realizada pelas senhoras de mais idade, já que as mesmas não enxergavam bem, e não podiam então realizar seus bordados.</p>
<p>1ª ATIVIDADE: <u>O JOGO DA VELHA</u></p>
<p>Como Jogar?</p> <p>O objetivo é desenhar três símbolos (X ou O) ou colocar três peças, em linha reta, seja horizontal, vertical ou diagonal. É proibido sobrescrever (desenhar por cima) nas casas do tabuleiro (um quadrado com 9 casas) já desenhadas ou mesmo deslocar peças em casas ocupadas. Cada jogador/a pode desenhar um símbolo (X ou O) ou colocar uma peça por vez alternando.</p>

Fonte: Prefeitura de Hortolândia⁴.

O segundo registro vem da Secretaria da Educação do Estado da Bahia. Esta secretaria nomeia suas apostilas como Roteiros de Estudos e atividades e define, assim:

Os Roteiros de Estudos apresentam uma proposta de cronograma para a realização de atividades autoexplicativas, descritivas e objetivas, visando contribuir para manter o engajamento dos estudantes e estimular a adoção de rotinas de estudo, durante o período de isolamento social. O cronograma propõe, ainda, exercícios que buscam contemplar tanto estudantes que têm acesso à internet, quanto aos que

³ Disponível em: <https://ensinofundamentalhortolandia.blogspot.com/search/label/EDUCA%C3%87%C3%83O%20F%C3%8DSICA> acesso em 21 julho 2020

⁴ Disponível em: https://drive.google.com/file/d/16L2YuFVN07F8A_Bh-JKHozvLTBcNcc76/view


não têm. O material está sendo elaborado voluntariamente por professores da rede estadual, por área do conhecimento.

A superintendente de Políticas para a Educação Básica da SEC, Manuelita Falcão Brito, enfatiza que a rotina proposta é importante para o aprendizado dos estudantes, durante o isolamento social. Oferecemos sugestões de conteúdos a serem trabalhados nos diferentes componentes e áreas, incentivando o engajamento dos estudantes em uma rotina de estudos mais organizada e compatível com cada série. Além disso, este material está contribuindo com os professores no sentido de ajudá-los na interação com os estudantes, de forma qualificada, em salas virtuais ou grupos de WhatsApp.⁵

Trouxe uma parte do Roteiro de Estudo de Educação Física para o 6º ano do Ensino Fundamental, como podemos ver a seguir:

Figura 2. Rotina de estudos e atividades para estudantes de Educação Física para o 6º ano do Ensino Fundamental (Bahia)

	<ol style="list-style-type: none"> 1) Responda aos questionamentos. a) Escreva um comentário como a atividade física estava presente na vida do homem pré-histórico. b) Faça um breve relato sobre o esporte na antiguidade. c) Ocorreram mudanças do esporte na Idade Média. Escreva quais foram essas mudanças e o motivo delas ocorrerem. d) Faça um breve relato sobre história da Educação Física no Brasil. e) Agora que já conheceu um pouco da história da Educação Física no Brasil e no mundo, escreva qual o esporte ou atividade física que mais gosta de fazer e justifique. f) Qual o esporte que você pratica em sua escola, comunidade ou em família?
--	--



www.educacao.ba.gov.br

Onde encontro o conteúdo	Caso tenha internet assista ao vídeo: História da Educação Física no Brasil e no Mundo: resumo completo. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=yhXSFkTIZQ >. Acesso em: 05 abr. 2020.
Objetivo	Compreender a importância do movimento corporal no processo histórico da humanidade, bem como o seu processo de sistematização.
Depois da atividade	Refleta e registre no seu caderno: Quais são os principais movimentos que você realiza durante o dia e a importância deles na promoção do seu desenvolvimento motor/corporal, social e cultural?

Fonte: Roteiro de Estudo do Estado da Bahia⁶.

O último recorte trazido para exemplificar como algumas Secretarias de Educação estão trabalhando com o componente curricular da Educação Física, foi da Secretaria Municipal de Campo Grande (Mato Grosso do Sul). Esta Secretaria não definiu uma base comum para seus Cadernos de Atividades, mas encontramos uma definição que embasa como a Educação Física

⁵ Disponível em: <http://estudantes.educacao.ba.gov.br/noticias/secretaria-disponibiliza-quase-mil-roteiros-de-estudos-line-para-auxiliar-o-aprendizado-dos> Acesso em: 21 julho 2020

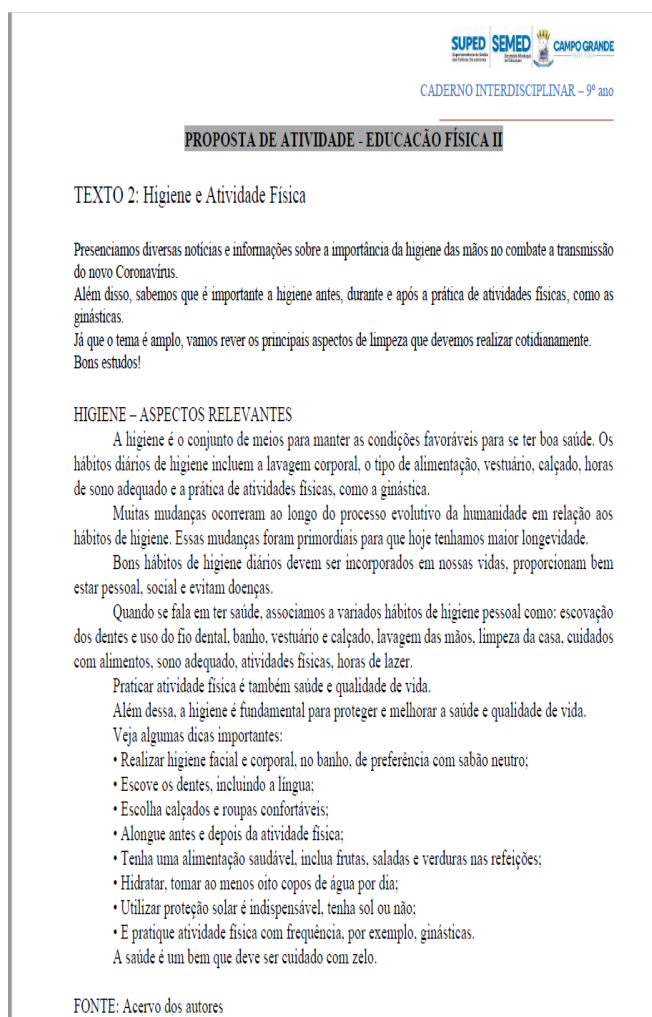
⁶ Disponível em: <http://www.educacao.ba.gov.br/midias/documentos/roteiros-de-estudos-linguagens-6%C2%BA-ef>

será trabalhada no 9º ano do Ensino Fundamental no próprio Caderno, como podemos ver:

Quantas vezes já não escutamos que praticar atividade física faz bem para a saúde. Mas, quais são seus benefícios? Será que neste momento de pandemia, ela pode nos auxiliar, pelo menos na prevenção de doenças? Bom, para responder essas e outras questões, vamos estudar a relação da prática de atividade física com a saúde.⁷

O fragmento da atividade que definido para análise, está definido a seguir:

Figura 3. Caderno de atividades de Educação Física para alunos(as) do 9º ano (Campo Grande)



Fonte: Caderno de atividades de Campo Grande⁸

Nestes trechos de atividades trazidas aqui, gostaria de fazer algumas observações. Primeiro a preocupação destas Secretarias em disponibilizar cadernos para auxiliar as aulas, pois viabiliza a impressão do material para quem não tem acesso à Internet, evitando a exclusão social e possibilitando a participação de todos(as) neste processo já tão conturbado, mas também não podemos desconsiderar que não são todas as pessoas que têm a possibilidade financeira para impressão do material e/ou um ambiente salubre para realizar as mesmas.

Há algumas dicas a se considerar por essas secretarias, como o auxílio dos pais e res-

⁷ Disponível em: <http://www.campogrande.ms.gov.br/semmed/downloads/caderno-de-atividades-9oano/> Acesso em 21 julho de 2020

⁸ Disponível em: <http://www.campogrande.ms.gov.br/semmed/downloads/caderno-de-atividades-9oano/>

ponsáveis, aproveitando o ambiente familiar, mas precisamos olhar para a realidade brasileira da algumas residências, e fica nítido que muitos locais não são propícios nem para uma criança ou adolescente viver, quiçá ter oportunidade de realizar, de uma forma proveitosa, atividades escolares. Pois, já há pesquisas e relatos sinalizando que as violências que ocorriam antes da pandemia, podem se agravar para jovens e crianças, muitas vezes sendo praticadas pelos residentes da casa (avós, pais, tios etc.) (UNICEF, 2020).

Importante alertar também para a possibilidade destes(as) alunos(as) não conviverem com outras crianças, o que impossibilitaria a realização de atividades que necessitem de mais de uma pessoa para serem realizadas, como algumas atividades que trouxemos como exemplo. A Educação Física exposta, no seu trabalho não-presencial, nos mostra que o corpo acaba por refletir mais sobre como enfrentar o isolamento social de “forma saudável”, como se a saúde dependesse de um posicionamento individual, do que refletir sobre quais as experiências e vivências do sentir deste corpo durante este período atípico para a sociedade moderna. Estes pontos são importantes para serem alertados, pois podem permitir a efetiva realização do que fora escolhido pelas Secretarias, como também pode inviabilizar todo o processo.

Ainda sobre a possibilidade de realização de atividades virtuais que substituem as aulas presenciais, se torna mais delicada quando analisamos a realidade do Brasil em relação ao acesso digital. Alertamos que a exclusão digital ainda abarca mais de 1/3 da população brasileira (BRASIL, 2019) e, por este motivo, se optarmos pela educação não-presencial tendo como principal ferramenta a internet, estaremos excluindo mais de 1/3 da população da Educação institucionalizada. Este quantitativo é importante e deve ser levado em consideração, deve haver proposições de políticas públicas que busquem sanar tais impossibilidades. Porém, sem perder a cautela para não facilitar financiamentos que acabem por reduzir ou minorar a educação pública.

[...] a educação pública – neste caso, a Educação Básica – se tornou também arena de disputa de conglomerados empresariais de educação a distância ávidos por abocanhar fatias de um mercado promissor, os quais cooptam secretarias de educação de prefeituras e governos estaduais por todo lado, vendendo suas plataformas e programas de educação à distância. (ZAIDAN; GALVÃO, 2020, p. 266)

Importante esta contextualização para não cairmos num pragmatismo cheio de obviedades que acabam por minar a relação pedagógica e a educação pública. O que temos, observando de forma ampla na educação escolar, neste momento, é: ferramenta que não é acessível a todas as pessoas (internet); ambientes familiares diversos, onde algumas vezes a criança ou adolescente tem a prioridade emergencial em sobreviver às violências antes de realizar atividades estipuladas por professores(as); e, ainda, falta de mapeamento para saber se os(as) discentes têm a possibilidades de realizar atividades que lhe sejam necessárias acompanhamento de outras pessoas.

Esta realidade de uma forma panorâmica da educação, por si só, já serve para problematizarmos o ensino remoto. Porém, o foco deste artigo é a Educação Física não-presencial, compreendendo esta como um reflexo de como o corpo e as pessoas devem ser vistas socialmente, e, assim, voltamos para a função da Educação Física no ambiente escolar. Corroboro com Freire (2013) que a Educação Física surgiu no ambiente escolar para controlar corpos, resultando no controle social, e acredito que sua função não mudou nestes tempos conturbados de pandemia. Se em outros momentos a Educação Física escolar utilizou o pilar da saúde, do militarismo ou da esportivização de forma aplicada para obtenção desses resultados (DARIDO, 2003), devemos buscar compreender qual ferramenta está sendo posta para manutenção deste objetivo atualmente. Pois, nesses fragmentos trazidos, analiso que os objetivos da Educação Física escolar da manutenção da utilidade corporal para o sistema social, não foi alterado.

Pelo tempo recente de tantos acontecimentos, ainda temos poucas análises sobre as propostas de aplicação da Educação Física neste período. Coloco aqui algumas análises e conjecturas sobre este formato, tendo como base o conhecimento histórico que trouxe a Educação

Física aos patamares que se encontram hoje. Assim, mesmo antes do vírus se alastrar e alarmar a nossa sociedade, nós tivemos a busca pela promoção da saúde, através da prática corporal, enaltecida em uma sociedade onde o sedentarismo é visto como uma pandemia crescente e alarmante (GUALANO; TINUCCI, 2011). Espera-se, assim, que o(a) professor(a) de Educação Física seja o responsável por levar métodos e aprendizagens sobre o saber ser corporalmente ativo para seus(suas) discentes, através de esportes e outras atividades.

É compreendido como natural o professor e a professora de Educação Física ter o propósito de levar saúde para os corpos estudiantis, estimulando, muitas vezes, uma prática doutrinatória, onde o foco não é enaltecer a autonomia deste corpo, mas reforçar atitudes demandadas pela cultura dominante, sem problematizar o que é e como que realmente ter saúde não depende de individualidades, e, sim, de ações coletivas e conjuntas. Assim, mesmo que a saúde esteja em voga no discurso, a doutrinação através do corpo continua a ser requerida à Educação Física remota, mostrando a importância do corpo nesse processo.

Ele precisa, assim, ser alvo de educação, mesmo porque educação corporal é educação do comportamento que, por sua vez, não é corporal, e sim humano. **Educar o comportamento corporal é educar o comportamento humano.** (BRACHT, 1999, p. 72) [grifo meu]

Dentro desta análise, temos uma contextualização complexa para a Educação Física, pois estamos passando por uma crise econômica, política e social, onde valores do capitalismo estão sendo postos em xeque e sendo submetidos a novas premissas. Sendo assim, a Educação Física escolar, que se via fundamentada no ideal do corpo útil e funcional (como todas as pessoas devem ser dentro do sistema capitalista), surgiu um vácuo de qual função primordial a Educação Física deve se valer no período de isolamento social. Como tornar esse corpo “útil” à distância? Não podendo utilizar gestos a serem analisados e copiados, competições para serem enaltecidas ou ainda formas de superação que levam a crer que a capacidade de ganhar depende somente do seu potencial de treinamento (naturalizando ideais meritocráticos), ações comuns nas aulas de Educação Física presencial.

Mas, como analisado em alguns cadernos de atividades de algumas secretarias de educação, a Educação Física tenta manter a sua designação de função corporal para seus(suas) estudantes, pois não vimos uma preocupação com a reflexão deste corpo durante a pandemia, de como esta corporeidade vem se adequando e se transformando com as possibilidades modificadas rotineiramente, ou ainda de qual corpo/corporeidade/pessoa estamos direcionando nosso trabalho pedagógico. Assim, acabamos por desconsiderar o sentir e atribuindo funções conteudista para a Educação Física.

Não posso afirmar que este cenário ocorre em todas as secretarias de educação, pois esta pesquisa não teve tal alcance, mas analiso que a Educação Física está num momento crucial para o entendimento do seu papel pedagógico, principalmente dentro da escola. E, confesso que para minha esperança e alento, concordo com Bracht (1999, p.82)

Parece-nos mais fácil, paradoxalmente, encontrar argumentos para legitimar a EF (e a educação artística), **hoje**, na escola, de uma perspectiva crítica de educação. [...] A dimensão que a cultura corporal ou de movimento assume na vida do cidadão atualmente é tão significativa que a escola é chamada não a reproduzi-la simplesmente, mas a permitir que o indivíduo se aproprie dela criticamente, para poder efetivamente exercer sua cidadania. **Introduzir os indivíduos no universo da cultura corporal ou de movimento de forma crítica é tarefa da escola e especificamente da EF.** [grifo meu]

Acredito que a Educação Física precisa ter a ciência da sua responsabilidade em estimular não só as capacidades físicas das(os) estudantes, mas também a compreensão de como este corpo sente e vive, fazendo com que os(as) estudantes entendam o mover-se como uma ação contextualizada. O que fica notório neste período de pandemia é como as ações práticas

estão sendo mecanizadas, pois não estão sendo levadas em consideração a motivação do agir. Professores(as), instituições e secretarias precisam ter o entendimento que o corpo não é somente uma máquina que deve reproduzir alguns gestos ou movimentos específicos. Este deve ser o estímulo para uma nova compreensão de Educação Física, mesmo que ela passe por uma crise, uma nova crise. Possibilidade que vislumbro para trazer não só o incomodo e a angústia para seus(suas) docentes, mas sim uma “[...] energia potencial para que fornecerá a luz necessária para iluminar o nosso caminho.” (MEDINA, 1986, p.84).

Assim, acreditando que a Educação Física pode valer-se do momento conturbado atual para almejar novas possibilidades de atuação educacional, no próximo tópico trarei algumas possibilidades que acredito serem viáveis para novas possibilidades.

Uma segunda crise para a educação física?

Assim, compreendo que retornamos para o mesmo ponto que nos fez refletir sobre a Educação Física na década de 1980, onde a Educação Física se via num momento de reconhecer seu papel social (MEDINA, 1986), momento este que ficou conhecido como “crise da Educação Física”. Acredito que, neste momento atual, a Educação Física também é obrigada a ser repensada, a reconhecer sua função para que, assim, consiga encontrar seu lugar no novo contexto educacional (como também político-social) que se cria. Sim, acredito que a educação e a Educação Física não poderão ser mais as mesmas durante e após a pandemia.

Certamente nossa visão sobre o que e como ensinar não será a mesma. É uma oportunidade única que para que a sociedade valorize o trabalho dos educadores [educadoras] e das escolas, perceba as desigualdades cada vez maiores entre nossos estudantes e reflita se a educação, da forma como está organizada hoje, é capaz de enfrentá-las. (SCHNEIDER, 2020)

Para a Educação Física, este momento de se redescobrir em concomitância com todo o sistema educacional, pode e deve refletir numa trajetória diferenciada para ambos. O momento de isolamento social nos obriga, mais uma vez, a ver que o corpo faz parte da aprendizagem, ou seja, entender que não basta somente a racionalidade para efetivar a Educação, o corpo está presente nesse processo. Não podemos e não devemos mais fomentar a “pedagogia do traseiro” (FREIRE, 2013), onde cada vez mais se ensina a ser imóvel, comportado e, muitas vezes, apático. Pois, se continuarmos a desconsiderar o corpo e a corporeidade no processo pedagógico, estaremos auxiliando o entendimento de um ensino bancário (FREIRE, 2012) onde o conteúdo acaba por ser prioridade no processo, e este tipo de ensino, para o componente curricular de Educação Física, há de trazer mazelas que consideramos ser irreparáveis.

Saviani (2012) já nos aponta que a pedagogia (revolucionária) deve relacionar conteúdos com a prática e a realidade social. Se os conteúdos bases da Educação Física possuem como ferramenta primária o movimento através da cultura corporal, docentes da área precisam saber estabelecer tal diálogo, sendo de forma presencial ou remota. E é necessário ter muita atenção neste formato, pois o período que nos encontramos favorece a educação conteudista, e que pode prejudicar de forma marcante a Educação Física.

Explico o porquê de achar que este formato conteudista pode trazer danos irreparáveis para a Educação Física. Sabemos que este formato não está sendo inaugurado agora, há tempos alguns(mas) docentes da área já se embasam no ensino bancário para ministrar suas aulas (GUERRIERO, 2014), como reflexo dessas ações temos aulas que desconsideram a corporeidade dos(as) discentes e valorizam apenas o conhecimento dos(as) docentes, sem levar em consideração o que os(as) estudantes já trazem de aprendizados e como levarão o mesmo para a sociedade. Importante lembrar que a ferramenta a ser aplicada não tem muita importância, mas sim a forma conteudista do processo, ou seja, pode ser através do esporte, da psicomotricidade, de atividades cooperativas ou de qualquer outro conteúdo que seja aplicado na aula, se for feito de maneira apenas a valorizar o depósito do ensino de ações, sem uma conscientização, sem uma criticidade, um entendimento sobre o que motiva essa ação, estaremos (enquanto docentes) fomentando uma educação bancária.

Durante o ensino remoto, muitas instituições estão voltando para este modelo, pois priorizam o conteúdo de cada componente curricular e, raramente, se preocupam com a realidade de seus(suas) discentes neste momento conturbado, como já demos alguns exemplos acima. A particularidade da Educação Física é mais assustadora neste processo, pois, como já foi relatado, o aluno e a aluna se fazem presentes através de seus corpos, ações e sentimentos, se valorizarmos só a reprodução de conteúdos, no nosso caso os gestos, estaremos tirando da Educação Física um dos seus sentidos mais genuínos: a educação.

Na primeira crise da Educação Física (década de 1980) cobrava-se uma cientificidade maior para sua aplicabilidade (fomentando ainda as ciências naturais nesse processo) e também, de uma forma mais radical, um sentido social para a Educação Física, onde o corpo fosse visto como uma construção histórica e social, tendo por base as ciências sociais (BRACHT, 1999). Neste momento, que considero que possa vir a ser a segunda crise para a Educação Física, acredito que seu estopim é o papel do corpo no processo educacional, seja ele remoto ou presencial, mas que deve ser autônomo, livre e histórico, conseqüentemente, estimulando pessoas a serem autônomas e livres.

Com a reclusão social, temos que pensar como a Educação Física pode auxiliar pessoas a passar por este processo, como iremos preparar crianças, adolescentes e adultos(as) para lidar com o novo formato de mundo que surge diante de nossos olhos? O que é primordial para o engrandecimento da sociedade como um todo e de que forma a educação/Educação Física vai estimular seus(suas) discentes a serem colaboradores(as) para um mundo que ainda nem sabemos qual será?

Neste estudo, não pretendo gerar respostas prontas ou manuais para a educação e Educação Física, pretendo provocar o pensamento anestesiado de muitas pessoas que vemos na área educacional neste momento. Como já foi dito, estamos num momento atípico e sem precedentes na sociedade moderna, porém devemos, como pensadores(as) e educadoras(es) que somos, pensar em conjunto com todas as áreas, como a educação/Educação Física sairá e contribuirá com este novo mundo.

Precisamos pensar se o mundo virtual é realmente realidade para todos(as) escolares, precisamos pensar e escutar educadoras(es) que passam por momento de angústia na área profissional que escolheram, mas também precisamos pensar na reestruturação necessária para os novos tempos. Não cabe pensarmos que “tudo voltará ao normal”, passaremos por adaptações e por novas significações, e a Educação Física e a educação, de forma coletiva, precisam pensar sobre isso, senão pensarão por nós. Senão, surgirão normatizações, resoluções, leis e diretrizes que nos levarão a manter uma estruturação em prol de uma classe dominante.

Estamos passando por tempos de dor, de luto, de perda. Sentimos na pele (e no corpo) o resultado de um isolamento social que tem nos feito aprender como lidar com novos formatos, realizações e objetivos. E como aprendermos com isto tudo para seguirmos em frente? Se as relações sociais mudaram e ainda mudarão, não há como a educação/Educação Física se manterem intactas.

Neste momento, o que considero ser o início da segunda crise, a Educação Física está sendo forçada a enxergar seu papel educacional. Papel, este, que muitos e muitas professoras(es) ainda não se deram conta, até porque muitas vezes não foram estimuladas(os) a isso. Pois, se for para as(os) estudantes apenas repetirem gestos padronizados, não precisamos de educadoras(es) na Educação Básica, não precisamos de seres pensantes, só precisamos de seres reprodutores. Dessa forma, a Educação Física precisa olhar para si e aprender a se identificar, precisa reconhecer seu valor pedagógico e se encantar pela sua complexidade. Estamos à deriva e só temos a nós mesmos para nos salvar. Precisamos agir!

As sinergias musculares que caracterizam fisiologicamente o movimento humano serão tanto mais ricas quanto mais trouxeram no seu bojo uma expressão significativa da própria vida. Caso contrário, tornam-se gestos mecânicos em nada diferentes daqueles de que é capaz um robô ou uma outra máquina qualquer. Ampliar esta significação é papel de uma Educação Física plenamente consciente de seu valor humano.

Esta não é, contudo, uma tarefa fácil. (MEDINA, 1986, p. 48)

Precisamos olhar no espelho, ver nossas marcas, reconhecer nossa função educacional e não apenas apontar ferramentas e conteúdos. Pois não importa ter ferramentas, desmembradas da realidade social que as cerca, se não sabemos o seu propósito. E, após se reconhecer pedagogicamente, a Educação Física ainda deve pensar no formato da sua prática pedagógica através das novas configurações educacionais, que, acredito, em alguns momentos será à distância, sem o benefício do contato direto com as(os) alunas(os). Devemos criar novas formas de diálogos educacionais, e devemos pensar nisso urgentemente.

Por este motivo, acredito que estamos no início de uma segunda crise da Educação Física, mas, se esta crise se tornará real, somente o tempo irá nos confirmar. Porém, aos professores e professoras preocupados(as) com seu papel pedagógico (que engloba o viver social, político, entre outros), já devem se atentar para os questionamentos e apontamentos trazidos neste trabalho.

Considerações

Não é por acaso que a educação física não tem qualquer importância nas escolas. Não incomodará nem será incomoda enquanto mantiver como paradigma o estereótipo militar ou palavrório inócuo e alérgico a práticas. Mas será fortemente incomodada quando aprender a praticar a liberdade dos corpos. Não terá paz durante longo tempo quando denunciar o universo pedagógico oco um universo do fracasso dos propósitos explícitos, mas apenas explícitos. Melhor dizendo, os problemas de rejeição da educação física agravar-se-ão quando ela puder mostrar que as pessoas vão à escola, mas não aprendem. Quase ninguém aprende nada de significativo, apesar de tanto tempo na escola. (FREIRE, 2013, p, 115)

A linha condutora nesta pesquisa foi a Educação Física voltada para as instituições de ensino, porém, todos(as) os(as) professores(as) de Educação Física, independente da área que atuam (academias, escolinhas esportivas, clubes etc.) devem reconhecer o momento de propícia crise e buscar enaltecer seu papel socioeducacional. Pois, independente da área de atuação, são todos(as) educadores(as).

Atentar que, através de uma crise mundial, estamos vivenciando possibilidades distintas em diferentes áreas sociais, o que não seria diferente no setor educacional. Assim, este momento nos mostra que não são todas as pessoas que têm o mesmo acesso à internet, como também não são todos(as) que possuem um local salubre para leitura ou estudo, ou ainda, infelizmente, existem alunos e alunas vítimas de violências dentro de suas casas, o que dificulta ou impossibilita o estudo dentro deste ambiente. Essa realidade contrasta com a possibilidade de uma educação remota, onde estudantes possam receber conteúdos e estudarem de uma maneira isolada.

A Educação Física preocupada com a corporeidade de seus(suas) discentes, neste processo, surge como o componente curricular com dificuldade de ser aplicado de forma virtual, pois precisa considerar o corpo, as(os) alunas(as) para o seu ensinamento, ainda mais se esse aprendizado requerer autonomia e liberdade desses corpos e alunos(as). E, neste ponto, temos um momento compreendido como início da segunda crise da Educação Física neste artigo. Pois, ou a Educação Física acaba por sucumbir ao ensino bancário e se preocupa apenas em realizar manuais e cadernos de atividades para reprodução de gestos e movimentos ou escancara sua função pedagógica, viva, inquieta, dentro do processo educacional.

Como vimos neste texto, as inquietações e as possibilidades estão emergindo, sem ainda uma efetiva proclamação de crise, mas, nossa contribuição parte do princípio de que a reflexão se faz urgente nesse processo, pois a crise pode servir para manutenção ou renovação do ensino da Educação Física. Mas, acredito que o mais importante é uma decisão consciente do caminho que a Educação Física deva seguir. Por este motivo, a conversa entre os nossos pares

é crucial para os novos passos.

Por este motivo, pleiteio por uma conscientização crítica da Educação Física, por uma abertura de diálogo real entre suas(seus) discentes e grupo de pesquisadoras(as) para que ideias consigam fluir e que consigamos alçar novos voos. Não falo que precisamos nos reinventar, problematizo que precisamos nos reconhecer, se não soubermos quem somos, não teremos para onde ir e nem teremos aonde chegar. A Educação Física precisa de nós, e enxergo esta segunda crise como uma possibilidade que teremos para conseguirmos mostrar que somos necessários e que o trabalho pedagógico nos cabe, assim como o corpo precisa caber na escola. Porém, o corpo real. Com esperança e determinação nesse pensamento, sigamos.

Referências

AMAPÁ. **Diário oficial do Estado do Amapá**, Macapá, AP, 03 abr. 2020. P. 10. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/292509899/doesap-03-04-2020-pg-10> Acesso em: 20 jul 2020.

AMAZONAS. CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO AMAZONAS. **Resolução nº 30/2020**. Disponível em: <http://consed.org.br/media/download/5e78ba2dabd27.pdf> Acesso em: 02 maio 2020.

BRACHT, Valter. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física**. Caderno Cedes, ano XIX, n48: 69- 88, 1999. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a05.pdf> Acesso em: 03 maio 2020.

BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC domicílios 2018**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019. Disponível em: https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/12225320191028-tic_dom_2018_livro_eletronico.pdf Acesso em: 04 maio 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Tem dúvidas sobre o coronavírus?**, 2020a. Disponível em <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/April/07/Cartilha-Coronavirus-Informacoes-.pdf> Acesso em: 02 maio 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 343**, de 17 de março de 2020b. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia no Novo Coronavírus – COVID-19. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Portaria/PRT/Portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm Acesso em: 20 jul 2020.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Nota de Esclarecimento**. 2020c. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=142021--nota-de-esclarecimento-covid-19&category_slug=fevereiro-2020-pdf&Itemid=30192 Acesso em 02 maio 2020.

CANABARRO, Askery; TENPORIO, Elayne; MARTINS, Renato; MARTINS, Lais; BRITO, Samurai; CHAVES, Rafael. **Data-Driven Study of the the Covid-19 Pandemic via Age-Structured Modeling and Prediction of the Health System Failure in Brazil amid Diverse Intervention Strategies**. *Medrxiv*. Disponível em <https://www.medrxiv.org/content/10.1101/2020.04.03.20052498v1.full.pdf> Acesso em: 02 maio 2020.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na Escola – Questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003

FREIRE, João Batista. **Métodos de confinamento e engorda (como fazer render mais porcos, galinhas, crianças...)** In.: MOREIRA, Wagner Wey (org). Educação física & esportes: perspecti-

vas para o século XXI. 14 ed. Campinas: Papyrus, 2013

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GUALANO, Bruno; TINUCCI, Taís. **Sedentarismo, exercício físico e doenças crônicas**. Revista brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.25, p.37-43, dez. 2011 (N. esp). Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbefe/v25nspe/05.pdf> Acesso em: 02 maio 2020.

GUERRIERO, Eliane Dolce. **Os/As estudantes e a Educação Física no currículo da SEE/SP: seus olhares sobre o caderno do aluno**. 2014. Dissertação (Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais. Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://bibliotecatede.uninove.br/bitstream/tede/791/1/Eliane%20Dolce%20Guerrero.pdf> Acesso em: 23 julho 2020

MEDINA, João Paulo Subirá. **A educação física cuida do corpo... e “mente”**. Campinas: Papyrus, 1986.

OLIVEIRA, Fabiane Lopes de. **Educação transformada em EAD durante a pandemia: quem e o que está por trás dessa ação?**. In AUGUSTO, Cristiane Brandão; SANTOS, Rogério Dultra dos. (Orgs) **Pandemias e pandemônio o Brasil**. São Paulo: TirantloBlanch, 2020.

RIO DE JANEIRO. CONSELHO DE PLANEJAMENTO. CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. **Deliberação CEE nº 376**, de 23 de março de 2020. Disponível em: http://www.cee.rj.gov.br/deliberacoes/D_2020-376.pdf Acesso em: 02 maio 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SÃO PAULO. **Resolução SEDUC**, de 18 de março de 2020 – Homologado, com fundamento no § 1º do Artigo 9º, da lei 10.403, de 6 de julho de 1971, a deliberação CEE 177/2020. Disponível em: <https://decentro.educacao.sp.gov.br/resolucao-seduc-de-18-3-2020/> Acesso em: 02 maio 2020.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Campinas: Autores associados, 2012.

SCHNEIDER, Alexandre. **A educação pós coronavirus**. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/alexandre-schneider/2020/04/a-educacao-pos-coronavirus.shtml> Acesso em: 03 maio 2020.

UNICEF. **Unicef Brasil, 2020**. Crianças e adolescentes estão mais expostos à violência doméstica durante a pandemia. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/criancas-e-adolescentes-estao-mais-expostos-a-violencia-domestica-durante-pandemia> Acesso em: 22 julho 2020.

ZAIDAN, Junia de Mattos; GALVÃO, Ana Carolina. Covid-19 e os abutres do setor educacional: s superexploração da força de trabalho escancarada. In AUGUSTO, Cristiane Brandão; SANTOS, Rogério Dultra dos. (Orgs) **Pandemias e pandemônio o Brasil**. São Paulo: TirantloBlanch, 2020.

Recebido em: 07 de setembro de 2020.
Aceito em: 11 de outubro de 2021.